

([https://www.rtp.pt](https://www.rtp.pt/noticias)) NOTÍCIAS ([//WWW.RTP.PT/NOTICIAS](http://WWW.RTP.PT/NOTICIAS))

# Um novo tipo de "Guerra Fria" com Estados Unidos, Rússia e China no centro

Lusa

20 Abr, 2018, 08:57 | Mundo (<http://www.rtp.pt/noticias/mundo>)

**Os Estados Unidos estão a impor o regresso a um novo género de Guerra Fria por considerarem a Rússia e a China como adversários, e atuam como elemento que valida as atuais ambições de Moscovo, alertam investigadores em temas geopolíticos.**

"Estamos a regressar a uma nova Guerra Fria, pelo facto de os Estados Unidos encararem agora Rússia e China como adversários, e não como nações pouco amistosas, mas não necessariamente hostis", considerou Michael Klare, professor de Estudos de segurança e paz no Hampshire College em Amherst, Massachusetts, Estados Unidos, em declarações à agência Lusa.

Na sua análise, o académico sublinha que desde o final da Guerra Fria, no início da década de 1990, até recentemente, os presidentes norte-americanos ambicionavam "integrar a Rússia na ordem liberal internacional", mas a Casa Branca, após a eleição de Donald Trump em 2016, deixou de acreditar que Rússia e China possam integrar essa ordem.

"A atual liderança dos EUA não acredita que a Rússia e a China possam integrar essa ordem, antes considera que estão empenhados em desmantelá-la. Por isso, acredita que os dois países devem ser isolados e delimitados", sublinha o académico, autor de diversas publicações, onde se inclui *The Race for What's Left: The Global Scramble for the World's Last Resources* (2012).

Este género de pensamento, especifica o investigador, já justificava a estratégia de contenção (Containment strategy) prosseguida pelas potências ocidentais face à URSS no decurso da Guerra fria "original".

Na Rússia, e em particular após a subida ao poder de Vladimir Putin em 2000, o país também registou uma evolução na sua abordagem geoestratégica, e diversos analistas têm considerado o reconhecimento, pela maioria dos países ocidentais e aliados, da independência do Kosovo em 2008 à revelia das instâncias internacionais, como o elemento que conduziu a Rússia a alterar as suas políticas sobre integridade territorial e intangibilidade das fronteiras dos Estados na sua esfera de influência.

Em artigo recente publicado na revista *Russia in Global Affairs*, Vladislav Surkov, conselheiro do Presidente Vladimir Putin e muito influente nos corredores do Kremlin, considerou que a Rússia abandonou as aspirações seculares de integração no ocidente, e regressa a uma nova era de "solidão geopolítica".

"O lugar que o ocidente tem ocupado na política externa da Rússia pós-soviética é simultaneamente o de barómetro da ambição russa de ser reconhecida como uma grande potência e de elemento constitutivo da identidade russa, mesmo que por oposição direta, como parece ser o atual cenário", assinalou em declarações à Lusa, Licínia Simão, professora de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Investigadora do Centro de Estudos Sociais.

"Mais do que a União Europeia [UE] ou as suas principais potências, são os Estados Unidos que têm atuado como o elemento que valida as ambições de Moscovo ser um interlocutor necessário à resolução das grandes questões da política internacional", sustentou.

Na perspetiva da investigadora, o "caminho épico da Rússia rumo ao ocidente", que agora parece comprometido, teria expressão numa ambicionada parceria, mas que não passaria pela integração do grande país euro-asiático nas instituições ocidentais, como a UE ou NATO.

"Este caminho rumo ao ocidente era pautado pelo reconhecimento formal de Moscovo como o parceiro mais significativo da superpotência Estados Unidos na resolução dos problemas internacionais, em jeito de concerto das grandes potências, ainda que articulado no quadro de organizações multilaterais como a ONU e o seu Conselho de Segurança", prosseguiu a académica, que publicou mais recentemente "The EU's Neighbourhood Policy towards the South Caucasus: Expanding the European Security Community" (2018).

A intenção de a Rússia se preparar para atuar de forma mais isolada no contexto internacional constituirá, no atual cenário, a "validação de uma estratégia em vigor há algum tempo, na medida em que ela tem efetivamente sido marginalizada pelos seus parceiros ocidentais e tem procurado sempre avançar os seus interesses particulares", indicou ainda.

No entanto, para Licínia Simões, o impacto desta abordagem nos `dossiês` em que a Rússia é efetivamente um parceiro comercial não é claro, especialmente no atual contexto da política norte-americana e europeia.

"Mas será, sem dúvida, um momento de reapreciação das prioridades russas e uma oportunidade de reforçar as tendências autoritárias, conservadoras e nacionalistas do país, com importantes impactos negativos na sociedade russa e potencialmente na estabilidade regional, como é já visível na Ucrânia."

Em clima de "nova "Guerra fria", o sentimento de "cerco" ocidental, não será apenas perceptível na Rússia, mas também pela China, e contido na mais recente revisão estratégica do Pentágono (NPR) que assinala a entrada dos EUA numa nova era de "competição de grande potência" com Moscovo e Pequim, e que esta competição está a assumir uma forma militar, precisou ainda Michael Klare.

O académico norte-americano recordou que o NPR também assinala, "sem fornecer qualquer prova", que a Rússia encara a utilização inicial de armas nucleares num qualquer futuro conflito com a NATO, devendo deste modo os EUA munirem-se de um vasto espetro de armas nucleares para dissuadir essa utilização, e se necessário responder em conformidade.

"O resultado poderá ser uma escalada da corrida às armas nucleares e um maior risco de utilização de armas nucleares em situação de combate", alertou.

"E enquanto os Estados Unidos e aliados continuarem a instalar as suas forças ao longo do perímetro da Rússia e China, podemos esperar que estes países respondam através do reforço das suas próprias forças e procurarem contrariar a estratégia de cerco norte-americana. Esta situação aumentará o risco de confrontação e de escalada em todos os pontos onde forças dos dois lados se encontrem numa situação de proximidade, incluindo na Europa".

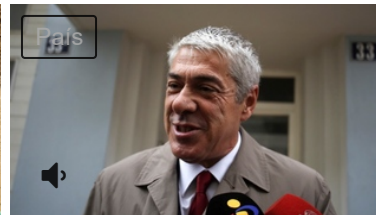
## TÓPICOS:

## ARTIGOS RECOMENDADOS



**Descoberta de minerais em ilha do Japão pode mudar a economia mundial**

([https://www.rtp.pt/noticia/de-minerais-em-ilha-do-japao-pode-mudar-a-economia-mundial\\_n1070557](https://www.rtp.pt/noticia/de-minerais-em-ilha-do-japao-pode-mudar-a-economia-mundial_n1070557))



**Imagens de interrogatórios demonstram injustiça da prisão, diz Sócrates**

([https://www.rtp.pt/noticia/de-interrogatorios-demonstram-injustica-da-prisao-diz-socrates\\_a1071277](https://www.rtp.pt/noticia/de-interrogatorios-demonstram-injustica-da-prisao-diz-socrates_a1071277))



**Dirigente da Porsche em prisão preventiva desde quinta-feira**

([https://www.rtp.pt/noticia/da-porsche-em-prisao-preventiva-desde-quinta-feira\\_n1071195](https://www.rtp.pt/noticia/da-porsche-em-prisao-preventiva-desde-quinta-feira_n1071195))



**Arriscado jogo geopolítico da Turquia numa região em grande convulsão**

([https://www.rtp.pt/noticia/jogo-geopolitico-da-turquia-numa-regiao-em-grande-convulsao\\_n1071135](https://www.rtp.pt/noticia/jogo-geopolitico-da-turquia-numa-regiao-em-grande-convulsao_n1071135))